



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, FISIOTERAPIA E DANÇA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

CARLOS FERNANDO FERREIRA DA CUNHA JÚNIOR

(depoimento)

2016

CEME-ESEFID-UFRGS

FICHA TÉCNICA

Projeto: Garimpando Memórias

Número da entrevista: E-744

Entrevistado: Carlos Fernando Ferreira da Cunha Junior

Nascimento: 16/10/1970

Local da entrevista: via internet (Hangout). Entrevistado em Juiz de Fora e entrevistadora em Porto Alegre.

Entrevistadora: Christiane Garcia Macedo

Data da entrevista: 08/12/2016.

Transcrição: Luiza Loy Bertoli; Ian Ogawa.

Copidesque: Christiane Garcia Macedo

Pesquisa: Christiane Garcia Macedo

Revisão Final: Silvana Vilodre Goellner

Total de gravação: 53 minutos e 50 segundos

Páginas Digitadas: 18 páginas

Observações:

O entrevistado realizou algumas alterações após a leitura da entrevista transcrita.

Entrevista realizada para a produção da pesquisa de Christiane Garcia Macedo intitulada *Centros de Memória da Educação Física e dos Esportes nas Universidades Federais*.

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

Sumário

Formação; Graduação; Envolvimento com as Ciências Humanas; Participação no Movimento Estudantil; Trabalho no Colégio Pedro II; Mestrado e doutorado; Entrada na Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF); Criação do Grupo de Estudos e Pesquisas em História da Educação Física e do Esporte; Entrada no Programa de Pós-graduação em Educação da UFJF; Pesquisas históricas em Educação Física; Disciplina de História da Educação Física na UFJF; Criação do Centro de Memória do Esporte e da Educação Física de Juiz de Fora; Acervo; Arquivo Histórico da UFJF; Palavras finais.

Porto Alegre [e Juiz de Fora], 08 de dezembro de 2016. Entrevista com Carlos Fernando Ferreira da Cunha Júnior a cargo da pesquisadora Christiane Garcia Macedo para o Projeto Garimpendo Memórias do Centro de Memória do Esporte.

C.M. – Professor, primeiro, muito obrigada por me atender! Eu queria que você começasse falando sobre a sua formação.

C.C. – Bom, eu sou licenciado em Educação Física, entrei na Universidade do Estado do Rio de Janeiro, no Instituto de Educação Física e Desportos, IEFD - UERJ, em 1989. Fiz o meu curso de graduação na UERJ e terminei o curso em 1993. Depois disso, já em 1994, na mesma instituição, na UERJ, eu entrei para o mestrado em educação, na verdade em 1995. Terminei em 1997, o curso de mestrado em educação, e logo depois em 1998, eu fui fazer o doutorado na UFMG¹ e terminei o doutorado em 2002. Posteriormente a isso, em 2010, eu voltei a UERJ, para matar as saudades, e fiz um estágio de pós-doutoramento também, mais especificamente, na área da história da educação com o professor Gondra². Então a minha trajetória acadêmica do ponto de vista das formações é essa.

C.M. – Pode falar um pouco mais das temáticas do mestrado e doutorado?

C.C. – Bom, vou te contar a história... É engraçado como a gente que pesquisa história, na hora de contar as nossas histórias, a gente gagueja, tem que puxar pela memória. Vamos tentar, vou vir lá de trás. Bom, eu entrei em 1989 na UERJ, como eu te falei, para fazer Educação Física, e cheguei naquela perspectiva de um jovem rapaz de dezoito, dezenove anos, que tinha experiências na escola, especificamente no ensino médio com atividades esportivas. Eu jogava handebol, participava dos times da escola, disputava campeonatos, cheguei a jogar um ano como profissional num clube, enfim... Entrei para Educação Física justamente por essa relação com o esporte. Na verdade, eu queria fazer agronomia na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, não pelo fato da agronomia, mas como jovem, eu queria sair de casa, então a Rural era uma beleza, tinha alojamento, era longe do Rio de Janeiro, então ficaria lá concentrado. E também porque na época, eu já tinha essa coisa com a música, já gostava muito de música, efervescência do rock nacional, e eu

¹ Universidade Federal de Minas Gerais.

² José Gonçalves Gondra.

descobri que o Paralamas do Sucesso³ foi formado lá na Rural. Então, a Rural para mim era o berço esplêndido, onde eu iria sair de casa e montar minha banda de rock para ser famoso, enfim. Não passei no vestibular da Rural, naquela época a gente podia optar pela segunda opção do curso, foi o primeiro vestibular que foi feito lá no Rio de Janeiro com as provas dissertativas, e eu acabei optando por essa segunda opção que havia sido Educação Física. Ao chegar no curso de Educação Física, me deparei com uma situação de extremo conflito, porque era justamente aquele período onde estava em efervescência a questão do movimento renovador, a minha é a segunda turma de currículo novo desse curso da UERJ, então era um curso bastante dividido em termos das perspectivas de disciplinas e mesmo dos professores em relação a visão sobre a Educação Física, e logo quando eu cheguei, eu participei de um projeto... Estou te contando essa história toda, porque isso é fundamental para pensar na trajetória e na ligação com as ciências humanas. Eu costumo brincar que eu participei de um dos primeiros projetos, talvez o primeiro projeto de cotas, só que cotas para pessoas com menos capacidade intelectual [risos]. Como o vestibular nessa época, entre aspas, foi muito difícil, foi a primeira prova, primeira seleção dissertativa, sobraram muitas vagas em todos os cursos. E aí a UERJ estabeleceu um projeto, chamado de Projeto REDE, que era um projeto Regime Didático Especial, onde ela aproveitou alguns candidatos que haviam obtido uma nota inferior a média para passar, a média mínima para passar. A média naquela época era baixa, nesse de lá foi três, eu tirei 2,97 na média geral, e a UERJ aproveitou esses candidatos que estavam entre dois e três para fazer esse Regime Didático Especial. Então como é que funcionava isso: eu entrei, no caso, com outras pessoas que estão aí hoje também no campo da Educação Física já como doutores, professores nas federais e etc. Nós entramos, no primeiro semestre nós fazíamos disciplinas do ensino médio, só disciplinas do ensino médio; no segundo semestre nós fazíamos as outras disciplinas do ensino médio, mais três disciplinas do curso de graduação que você escolheu; se você tivesse aprovação ao longo desse ano nessas três disciplinas e mais nas disciplinas de ensino médio, você estaria dentro do curso. Então, a minha trajetória começa na universidade a partir dessa perspectiva. E nesse projeto, nessas disciplinas do ensino médio, a universidade aproveitava os estudantes que estavam em final de curso, já fazendo os seus estágios. Então eu peguei na época, formandos das áreas especificamente de ciências humanas, que foram muito importantes nessa minha trajetória. Eu pouco havia estudado no ensino médio, disciplinas como filosofia, por exemplo, a

³ Banda de Rock Nacional.

história era muito dada naquela perspectiva factual, documental, e nesse curso do projeto REDE, eu comecei a já ter um envolvimento com outra visão, tanto do ponto de vista da história, como do ponto de vista da filosofia. Porque eram professores muito bons, estavam frescos ainda, saindo dos seus cursos de formação. Então, tem essa coisa dessa formação inicial para esses professores que davam uma ênfase grande às ciências humanas do projeto REDE. Essa questão da efervescência do curso de Educação Física da UERJ nesse momento fundamental do chamado movimento renovador, e a UERJ organizou dois eventos em 1989/1990, que também foram muito importantes: um congresso, foi o primeiro congresso no país de língua portuguesa de Educação Física que foi realizado lá, vieram todos os professores de Portugal, Jorge Bento⁴, Manuel Sérgio⁵, e outros; e também o primeiro congresso de I Congresso de Filosofia, Sociologia, História e Educação Física Comparada, e eu participei ativamente desses dois eventos e junto com essa formação inicial, lá do contato com esses professores do projeto REDE, eu comecei a mudar essa minha visão da Educação Física voltada para o campo esportivo, pro campo do treinamento, pro campo do rendimento. Junto a isso, eu comecei a frequentar o movimento estudantil, o nosso centro acadêmico, que depois a gente deu o nome de Alberto Latorre de Faria, iniciei na gestão do centro acadêmico como participante, depois fui coordenador do centro acadêmico, enfim... E essa formação tanto acadêmica, como da minha formação política, ela foi fundamental para que eu abrisse os olhos para essas perspectivas mais ligadas as ciências humanas de enxergar a Educação Física, o esporte e as práticas corporais. Então, já no meu terceiro período, eu comecei a frequentar um grupo de estudos, que era um grupo coordenado pelo professor Alfredo Faria Junior⁶ que na época era uma das pessoas que capitaneava esses eventos que eu citei, ele capitaneou esses eventos lá, especialmente o congresso de Países de língua portuguesa e Educação Física. E o Alfredo estudava a questão das atividades físicas para idosos, só que também numa perspectiva diferenciada, numa perspectiva bastante crítica de enxergar a questão dos direitos. Ele fazia uma crítica muito forte a questão da atividade física, do esporte, da Educação Física fazendo parte de um modelo excludente que separava alguns grupos sociais, por conta desse modelo excludente, ele entrava na questão dos idosos. E eu comecei a fazer parte daquele grupo de pesquisa, no terceiro período eu já tive uma bolsa de iniciação científica e isto foi fundamental para sedimentar esse início dessa minha trajetória nessa visão da

⁴ Jorge Olímpio Bento.

⁵ Manuel Sérgio Vieira e Cunha.

Educação Física numa perspectiva mais ligada as ciências humanas. Bom, aí eu já estou falando de 1991, 1992 e eu já estava ali com a perspectiva de desenvolver um trabalho de conclusão de curso, a nossa monografia. Então foi o primeiro texto com mais densidade que eu escrevi, a monografia. Na época eu analisei esse projeto que o Alfredo coordenava lá, o projeto Idosos em Movimento Mantendo a Autonomia, e eu fiz uma análise sobre a perspectiva do conceito de autoestima, um viés meio psicologizante, mas dava essa relação da autoestima com as pessoas idosas e a prática da atividade física. Enfim, daí teve a graduação, terminei a graduação e fui, logo de imediato, passei num concurso pro estado do Rio de Janeiro, como professor. Dei aula durante um ano na rede estadual, no CIEP⁷ Nação Mangueirense, Ginásio Público 241, que já explica um pouco dessa relação com o samba que veio nesse momento. Fiquei um ano nesse colégio, menos de um ano até, porque em novembro, já em novembro, dezembro, eu fiz concurso pro Colégio Pedro II, uma instituição federal e fui trabalhar enquanto professor. O Colégio Pedro II também foi importantíssimo para eu começar a me preocupar e a me despertar para essa perspectiva da pesquisa histórica, porque eu já dava importância a história, por conta de toda essa relação que eu te falei com esses eventos, com essa formação crítica, enfim. E eu lembro que quando já fui fazer a prova do Colégio Pedro II, essa prova aconteceu na unidade centro, que é o prédio original da instituição, criado lá em 1837, eu olhava para aquelas paredes, para aqueles quadros, para as estatuas, para as marcas de memória que existem naquele espaço até hoje, e lembro que fazendo a prova, eu já pensei: “cara, se eu vier dar aula nesse colégio, a primeira coisa que eu quero fazer vai ser estudar a história da Educação Física nessa instituição”. Bom, dito e feito! Passei no concurso, nesse momento, logo depois eu já passei no mestrado, só que no mestrado eu ainda estava sendo orientado pelo Alfredo, na verdade voltei a ser orientado pelo Alfredo e continuava nessa linha de fazer um trabalho sobre atividade física ligada aos idosos, só que aí por conta dessa relação inicial com a história do Colégio Pedro II e da importância que a história começa a ter enquanto objeto de reflexão na minha vida acadêmica, eu já um pouco meio que desvencilhei o meu trabalho original do mestrado e eu acabei fazendo a dissertação de mestrado sobre, na verdade eu trabalhei com história de vida, então o que nós fizemos, o que eu fiz: eu peguei, eu entrevistei quase trinta idosos que participavam daquele projeto, Idosos em Movimento Mantendo a Autonomia, e fiz uma investigação a partir do gênero sobre aquelas

⁶ Alfredo Gomes de Faria Júnior.

⁷ Centro Integrado de Educação Pública.

experiências de vida que esses idosos tiveram desde a infância até a sua vida atual, naquele momento do projeto, pensando como é que foram essas histórias de vida sobre a perspectiva do gênero em relação as suas vivências nas atividades físicas e nas práticas corporais em geral. Então aí foi efetivamente minha primeira aproximação mais completa, mais sedimentada com a história. Depois da dissertação, ou melhor, ainda fazendo a dissertação nesse período de mestrado, dois eventos foram fundamentais nessa trajetória, nessa ligação com a história. O Encontro de História⁸ de 1995⁹, que foi o primeiro que eu participei, e o encontro que muitas pessoas devem ter falado para você sobre sua importância é o encontro de 1996 que aconteceu em Belo Horizonte. Foi um encontro onde se priorizou muito essa relação da história da Educação Física com a história da educação. Então esse encontro de 1996 foi marcante para mim, porque ali eu decidi que efetivamente trabalharia a minha carreira acadêmica, tendo a história da Educação Física e do esporte como objetos fundamentais. Então terminei a dissertação em 1997, e quando eu fui fazer o projeto para o doutorado em 1998, já era essa perspectiva com o Colégio Pedro II na cabeça, dando aula no Colégio Pedro II, com essa ideia de estudar a história de Educação Física no Colégio. Em 1996 eu conheci a professora Eustáquia Salvadora de Souza, nesse evento do encontro de história. Chamei a Eustáquia para a minha banca da dissertação de mestrado, a Eustáquia é muito amiga do Alfredo, eu fiz um minicurso com a Eustáquia sobre gênero num congresso, só não lembro se em 1995 ou 1996, no encontro de história. E isso foi fundamental, e eu falei: “cara, é isso que eu quero, é a história da Educação Física e vamos seguir nesse caminho”. E a Eustáquia disse para mim: “Porque você não pensa em fazer o doutorado lá na UFMG, é um curso bacana, tem uma linha de concentração em história da educação” e fiquei com aquilo na cabeça, aí fiz o projeto e o meu projeto inicial era para estudar ainda nessa relação do gênero que foi uma temática que eu estudei durante um certo tempo, o meu projeto inicial de doutorado era estudar o que eu chamava na época “a construção do novo homem republicano no colégio Pedro II e as masculinidades”. Então, com esse projeto, eu passei lá no programa de educação da UFMG, na linha de história da educação, para ser orientado pela professora Eliana Marta Teixeira Lopes, enfim, tive meus primeiros encontros com ela, foram encontros muito importantes, também do ponto de vista acadêmico, comecei a ter contato com uma literatura internacional de autores que ela indicava que eu não tinha, não tive antes, a

⁸ Encontro Nacional de História do Esporte, Lazer e Educação Física, atualmente o evento chama Congresso Brasileiro de História do Esporte, Lazer e Educação Física.

literatura francesa, especialmente. Só que nesse período a Eliana estava num processo de aposentadoria, de sair da UFMG no caso, e eu frequentava muito, como morava em Belo Horizonte, e ficava lá 24 horas, praticamente na UFMG 12 horas por dia, eu comecei a frequentar um grupo de pesquisa de história da educação do professor Luciano Faria Filho¹⁰. E o Luciano, com esse grupo, estudava basicamente a história da educação no império, o que pra mim foi fundamental, pensar a história da Educação Física no colégio Pedro II, no tempo em que o colégio foi formado, foi criado. O colégio foi criado lá em 1837 como eu te falei. Então, com essa aposentadoria, com esse meu afastamento da relação com a Eliana enquanto orientadora, eu passei a ser orientado pelo Luciano, Luciano me aceitou como orientando, e aí o meu projeto que era para estudar masculinidade na república, ele foi transformado, passou por diversas modificações, e na verdade eu comecei a estudar a história do Colégio Pedro II de uma maneira mais ampla. Então por essa frequência no grupo do Luciano, meu projeto mudou substantivamente, eu acabei estudando a formação secundária do Colégio Pedro II durante o império. Então eu estudei lá com a perspectiva mais das motivações políticas que fizeram com que esse colégio fosse criado, a cultura escolar do Colégio, estudei os tempos e espaços das diferentes disciplinas que compunham essa formação secundária do Colégio Pedro II, fiz uma discussão específica de tempo também, os sujeitos que faziam parte dessa formação secundária, professores, alunos, inspetores e lá no final, tem um capítulo sobre a história da Educação Física, no caso a história dos exercícios ginásticos. Os exercícios de ginástica começam no colégio em 1841 e eu pesquisei isso, a história do colégio, até o final da década de 1880 do século XIX. Terminando a tese, como eu te falei, eu terminei a tese em 2002, eu já em 2001... Quer dizer, nessa trajetória toda, nessa maluquice toda, em 1998 apareceu a oportunidade de um concurso na Universidade Federal de Juiz de Fora, foi nesse início aí, eu estava entrando no doutorado, acho que eu estava com um semestre de doutorado, afastado do Colégio Pedro II já para fazer o doutorado, fiquei sabendo desse concurso na Universidade Federal de Juiz de Fora e como meu objetivo desde lá do terceiro período passou a ser seguir a carreira acadêmica enquanto docente, eu falei “ah, eu vou fazer esse concurso”, até porque naquele momento tínhamos ali um grupo remanescente da UERJ, desses alunos que vivenciaram essas histórias juntos comigo, alguns já estavam inseridos em universidades ou estavam buscando isso, e um desses

⁹ Em Curitiba.

¹⁰ Luciano Mendes de Faria Filho.

alunos, um desses amigos era o professor Hajime Takeuchi Nozaki, que fez o mestrado junto comigo, nós somos da mesma turma de mestrado em educação da UERJ, e o Hajime foi fazer esse concurso em Juiz de Fora. Esse concurso na época, se eu não me engano era um concurso para quatro vagas, o Hajime fez o concurso, só ele passou, ficaram três vagas em aberto, três ou duas vagas em aberto, não lembro agora, esse concurso reabriu e eu falei “ah, vou fazer, porque já tem o Hajime lá, passou no concurso e tal”, eu não conhecia Juiz de Fora, nunca tinha ido a Juiz de Fora, fui a primeira vez para fazer a prova, isso em 1998, e acabei passando no concurso. Quando eu passei no concurso, eu fiquei naquela situação, o que eu faço agora? Bom, passei no concurso, iniciando o curso de doutorado, milagrosamente passando no concurso, a UFJF¹¹ me deu, o meu departamento, o departamento de desportos, me deu o afastamento de estudos para que eu terminasse o doutorado. Na verdade, eles me deram três anos de afastamento, eu voltava... Nós fizemos um acordo, eu vinha para a UFJF dar cursos concentrados durante as férias e isso durou até 2001 quando eu assumi o cargo efetivamente. Então eu passei a morar em Juiz de Fora a partir de 2001 quando eu assumi o cargo de professor na FAEFID, Faculdade de Educação Física e Desportos da UFJF. Em 2002 eu defendi a tese lá no Programa da Educação da UFMG e chegando pós defesa, um dos primeiros atos que eu fiz ao chegar na UFJF foi criar o meu grupo de pesquisa. Então criei o grupo de pesquisa, o GEPHEFE, que é o Grupo de Estudos e Pesquisas em História da Educação Física e do Esporte, e a partir daí comecei as atividades primeiras do grupo, a reunir os primeiros bolsistas de iniciação científica. Então o grupo começou em 2002. Já com essa vontade imensa de trabalhar no campo da história das práticas corporais em Juiz de Fora, eu percebia que havia muito pouca coisa escrita e pesquisada em Juiz de Fora sobre o tema. Então o grupo começou em 2002, que mais? Deixa eu pensar. Já estamos em 2002, mas fala.

C.M. – Você chegou a ter algum contato com o pessoal do CEMEF¹² lá enquanto você estava em BH¹³?

C.C. – Sim, sim, quer dizer, eram pessoas muito próximas, tanto o Tarcísio¹⁴, Meily¹⁵, depois Andrea Moreno, são pessoas que são amigas até hoje só que, como meu objeto de

¹¹ Universidade Federal de Juiz de Fora.

¹² Centro de Memória da Educação Física, do Esporte e do Lazer.

¹³ Belo Horizonte.

¹⁴ Tarcísio Mauro Vago.

estudo era o Rio de Janeiro, era o Colégio Pedro II, a gente se encontrava, se relacionava e tal, mas... Eu não me uni no ponto de vista dos projetos, porque o meu foco estava voltado para o Rio de Janeiro. Eu só fui começar a pesquisar Minas Gerais, especificamente Juiz de Fora, justamente quando o grupo foi formado a partir de 2002, mas tive o contato com eles sim, acompanhei todo aquele processo de formação, de construção do Centro de Memória lá de Belo Horizonte, que é um local, uma instituição importantíssima para a produção de conhecimento hoje nesse campo. Mas essa relação foi muito mais do ponto de vista das amizades do que propriamente de trabalhar junto na conformação desse espaço. Assim como com a Silvana¹⁶ também, uma pessoa amiga há bastante tempo, que eu conheci nesses eventos que eu citei. Então acompanho o trabalho da Silvana há muito tempo e também por conta dessas relações de amizade por estar lendo essas coisas que são produzidas nesse campo. Bom, lembrei o que eu queria falar. Depois de 2002 então, quando o grupo foi criado, aliás, antes disso, em 1995, não, 2001 ou 2002, aliás, 2002 quando eu também fundei o grupo de pesquisa e quando termina o doutorado, no ano seguinte, 2003 ou 2004, eu entrei no Programa de Pós-graduação em Educação da UFJF para trabalhar no programa quanto docente. Então foram questões importantes, a criação do grupo... A finalização da tese, a criação do grupo de pesquisa, eu comecei a frequentar o grupo de pesquisa da professora Lola Yazbeck¹⁷ na Faculdade de Educação da UFJF. A Lola tinha uma pesquisa muito bacana sobre os grupos escolares de Juiz de Fora e eu entrei nessa pesquisa, nesse grupo, para estudar justamente a ginástica, a Educação Física nos grupos escolares. Isso durou, mais ou menos, um ou dois anos e aí sim, 2005, eu entrei como professor, como docente, no Programa de Pós-graduação em Educação. Então já tinha alguns orientandos de iniciação científica na graduação em Educação Física que já estudavam temas mais ligados a história da Educação Física aqui. O primeiro projeto que a gente começou a fazer, que foi um projeto financiado pela FAPEMIG¹⁸, era para estudar a história da Educação Física nos grupos escolares de Juiz de Fora com um projeto ligado a esse campo de pesquisa da Lola, da professora Lola Yazbeck. E aí pronto, aí as coisas se desenvolveram. Eu entrei no programa, isso me deu outra perspectiva de orientação, comecei a orientar dissertações nesse campo da história da Educação Física, das práticas corporais, da história da educação. Comecei, também, logo depois a dividir, junto com o

¹⁵ Meily Assbú Linhales.

¹⁶ Silvana Vilodre Goellner.

¹⁷ Dalva Carolina de Menezes Yazbeck.

¹⁸ Fundação de Amparo à Pesquisa de Minas Gerais.

professor Marlos Bessa¹⁹, a disciplina de História da Educação do programa que era uma disciplina obrigatória, então ela era dada para o doutorado e para o mestrado, o que me fez também preparar também um curso com mais intensidade. Então o Marlos oferecia em um ano, eu oferecia no outro, então a coisa começou a fluir com mais intensidade a partir desses anos da criação do grupo e da minha vinculação ao Programa de Pós-graduação em Educação. Também, depois, eu me vinculei ao Programa de Pós-graduação em Educação Física, a gente tem um programa, a UFJF junto com a Universidade Federal de Viçosa. Orientei, se não me engano, mais três ou quatro dissertações no programa de Educação Física, mas depois me desliguei, porque eu não estava agüentando ficar em dois programas de pós-graduação. Então, por conta dessa minha trajetória ser mais ligada ao campo da história da educação e vendo a Educação Física quanto componente curricular, eu acabei optando por ficar no programa de história da educação e não no programa da história da Educação Física. Então acho que é isso, não sei se você tem mais...

C.M. – Têm[risos]!

C.C. – Eu te respondi assim a minha vida inteira quase.

C.M. – [risos] Mas tá ótimo. Agora vou para uns mais específicos. Na época do seu mestrado e doutorado, como estava a pesquisa histórica na Educação Física? Tinha muitos grupos? Como é que eram os eventos? As revistas?

C.C. – Bom, a gente está falando aí, se for pensar em mestrado você está falando da década de 1990 e o doutorado até o início de 2002. Então a gente estava naquele período de um período rico em termos das mudanças que vão acontecendo no campo da história da Educação Física, são os pesquisadores que participam desse movimento desde a década de 1990, já vem pro campo, transformando esse campo, do ponto de vista metodológico mesmo, de concepção de história, de metodologia, de relação com as fontes, de alargamento dos objetos, de pesquisas em arquivos, é um momento de muita transformação, de efusividade, vamos dizer assim, de modificações desse entendimento do que é a história da Educação Física, da história das práticas corporais em geral, a história do esporte. Então os eventos que acontecem são eventos onde isso vai estar muito

¹⁹ Marlos Bessa Mendes da Rocha.

marcado, essa transformação do ponto de vista de uma melhor compreensão, vamos dizer assim, historiográfica por conta dessas relações que nós começamos a ter com os pesquisadores da própria história, com os pesquisadores da história da educação, então a partir dessas relações, a noção e a concepção de pesquisa em história da Educação Física, do esporte, das práticas corporais vai se alterar fundamentalmente nesse período, periódicos são organizados especificamente com o estudos no campo da história da Educação Física, do esporte; alguns livros; coleções, começam a ser organizadas, eu lembro dos livros²⁰ capitaneados pelo...professor lá da UFES²¹...

C.M. – Amarílio²²?

C.C. – Pelo Amarílio, também participo de um capítulo lá, daquela coleção do Amarílio, vários livros saem já com produtos das dissertações de mestrado, teste de doutorados de professores que estão concluindo as suas pesquisas, dois números da revista²³ do Colégio Brasileiro de Ciência do Esporte que vão tematizar a questão específica da história também da Educação Física e do esporte, os próprios eventos, os gttts do Conbrace, os encontros de Educação Física que passam a ser congressos e começam também a vivenciar, viver essas mudanças do ponto de vista de um refinamento de concepção do campo. Então é um momento muito rico dessa mudança que vai acontecendo.

C.M. – E você lembra quais os referenciais, metodologias desse momento de crescimento?

C.C. – Então, como eu te falei anteriormente, no processo de doutoramento, eu começo, particularmente eu to falando de mim, mas isso também pode ser levado para o campo. A gente começa a ver grupos que, por exemplo, estudam Norbert Elias e a questão do processo civilizatório, outros grupos que vão se ligar mais a perspectiva de uma historiografia francesa, outros grupos vão trabalhar, por exemplo, com Thompson. Então você tem ali uma variedade de pesquisadores de grupos que também, a gente pode dizer, uma variedade teórica, mas uma variedade dentro desta perspectiva mais renovada, mais ligada a história nova, uma perspectiva mais contemporânea, no caso naquele momento,

²⁰ Coleção Pesquisa Histórica em Educação Física.

²¹ Universidade Federal do Espírito Santo.

²² Amarílio Ferreira Neto.

²³ Revista Brasileira de Ciências do Esporte.

sobre a história e como é que a história da Educação Física do esporte ficaria enquanto objeto deste campo. Então basicamente isso, historiografia francesa, historiografia inglesa, Norbert Elias e por aí vai.

C.M. – E quando você chega na UFJF, tinha já algum professor fazendo pesquisa histórica?

C.C. – Não. Na UFJF, no curso de Educação Física, a gente tinha uma disciplina que era a disciplina chamada de “Introdução a Educação Física” que, entre outros objetivos, era uma disciplina introdutória mesmo. Então você falava, a ementa dela queria mostrar ao aluno o que era Educação Física, as questões do mercado profissional. E tinha lá um item que falava sobre a história da Educação Física, então todo professor que ministrava a disciplina de introdução, tinha lá uma unidade que falava sobre a história da Educação Física. Eu não trabalhei com essa disciplina, mas a gente teve uma mudança curricular em 2005 que ela começou a ser discutida, e nessa mudança curricular, eu, criei a disciplina de História da Educação Física e do Esporte do curso de graduação em Educação Física. Então a partir dessa criação da disciplina, é uma disciplina de sessenta horas, uma disciplina obrigatória, dada no primeiro período, eu passei com a criação da disciplina, criei um monstro, comecei também, tive que lidar com o monstro. Na verdade, criei a disciplina por conta de toda essa trajetória. Então a gente passou a ter, no curso, uma disciplina específica para estudar a história da Educação Física e do esporte, já trabalho nessa disciplina faz, sei lá, dez anos, no curso de graduação em Educação Física, mas antes a gente não tinha algo específico para lidar com a história da Educação Física.

C.M. – Eu esqueci de perguntar, na sua graduação você teve disciplina de história, no curso da graduação?

C.C. – Não, não tive. Eu tive uma disciplina chamada “Aspectos Evolutivos da Educação Física e do Esporte”. Então era uma disciplina que no nome já traz uma concepção de história nessa perspectiva da evolução, “Aspectos Evolutivos”, feito aquela linha do tempo, do marco zero até onde estamos. E era uma disciplina muito tradicional do ponto de vista historiográfico, tinha que decorar nomes, fatos, grandes personagens. Então, quem foi o

medalhista de ouro do Canadá do salto triplo em 1976, coisas deste tipo. Mas era uma disciplina que tratava da história da Educação Física, mas de uma perspectiva tradicional.

C.M. – Como que você foi sendo introduzido a essas novas discussões da escola francesa, foi já no doutorado então?

C.C. – Não, na verdade, isso já vinha desde lá de 1994, 1995, 1996 por conta da minha participação, não só no centro acadêmico, porque ali a gente fazia muita discussão, a gente lia muita coisa, a gente discutia temas diversos. Então essa relação com a história também passa um pouco por esses grupos de estudos, por essas relações que a gente tinha no movimento estudantil, mas eu começo a frequentar os eventos, os encontros de história, congressos, os congressos do Colégio Brasileiro de Ciência do Esporte, logo depois vão ser criados os GTT²⁴s, um GTT específico de história da Educação Física²⁵, então já começa antes, a partir dessa vivência dos eventos e desses encontros. Do ponto de vista mais denso, de uma maior densidade, de uma maior preocupação, de uma maior e melhor mergulho nesses estudos da historiografia europeia, principalmente, vai se dar a partir da minha relação com o início do doutorado a partir de 1998, com certeza.

C.M. – Ok. E, agora sobre o Centro de Memória²⁶ aí de Juiz de Fora, por que surge a ideia de fazer um Centro de Memória aí?

C.C. – O Centro de Memória vêm em uma esteira de desejos que representa essa minha trajetória, essa minha ligação com a história da Educação Física e do esporte. Então você vê que é uma trajetória que tem um certo sentido, a primeira ligação com a história, depois já o mestrado, que eu dou uma enviesada no meu trabalho inicial e me preocupo com a história de vida, depois as relações com os eventos, o doutorado onde eu, especificamente, vou estudar, já com esta intenção da história, minha preocupação com a história do Colégio Pedro II, a produção de uma tese no campo da história da educação e da Educação Física, a criação de um grupo de pesquisa, a vinculação ao programa de pós-graduação, o que estava faltando? A gente começou a pesquisar os arquivos para estudar a história da Educação Física em Juiz de Fora, então alguns dos arquivos locais, Arquivo Público Mineiro e a

²⁴ Grupo de Trabalho Temático.

²⁵ GTT Memórias da Educação Física e Esporte.

gente foi se deparando com uma grandiosidade e uma variedade de fontes incrível. Então o passo seguinte, do desejo, era criar o centro de memória para que a gente pudesse ter, não só um espaço de preservação dessas fontes, e aí entra muito a questão do museu na verdade, o meu desejo sempre foi pensar num museu, por conta dessa minha relação tão forte com a arte, o museu sempre foi para mim um negócio que eu perseguia até por conta de verificar fontes aqui em Juiz de Fora que eu ficava louco com aquilo se deformando, se acabando nos quartos, nos porões. Eu lembro de uma visita que eu fiz a casa de um professor aqui, que foi o professor Ítalo Paschoal²⁷. O Ítalo foi um cara fenomenal, ele faleceu ano passado, ele foi o mestre de ginástica, o professor de ginástica, do Clube Ginástico de Juiz de Fora que é um clube fundado em 1909 e ele foi o terceiro diretor deste clube e ele guardava na casa dele equipamentos ginásticos do século dezanove, então halteres, traves... Eu olhava aquilo e pensava “Gente, como é que isso pode ficar aqui? Quando esse cara morrer o que que vai acontecer?”. Então, desde então, eu me preocupava muito com isso, no sentido de trazer estes equipamentos para nós, fazer um tratamento, mas colocar aquilo disponível para as pessoas observarem e com isso, também, valorizarem, mais na perspectiva da história material, enfim. Então essa coisa do museu sempre foi importante para mim, a questão das revistas, das capas de revistas, lindas, que a gente também localizou aqui, os jornais. Enfim, era mais nessa dimensão estética e claro que o Centro de Memória teria essa função da questão do museu, ser um lugar de preservação das fontes, mas também de produção de conhecimento deste campo. Então esse foi um desejo antigo. Quando o Ministério do Esporte implementou a Rede Cedes e criou lá uma linha de financiamento para a memória, eu participei de vários destes editais, não lembro se ganhei dois ou três, agora não vou saber te precisar, eu tenho que pesquisar isso para te dizer. Lembro que o primeiro projeto que foi financiado pelo ministério era no sentido de já pensar nessa questão da memória do esporte da Educação Física na cidade, então a gente produziu um livro, entre outras coisas produzimos um livro²⁸, eu e a Jakeline Lisboa²⁹, que foi minha orientanda, ela estudou a história deste clube de ginástica que eu citei. Então a gente escreveu um livro sobre o clube entre 1909, a data da criação, e o final do clube que foi 1979. Num outro edital do Centro de Memória, da Rede Cedes, eu já falo da criação do Centro de Memória. Então a iniciativa da participação da FAEFID/UFJF

²⁶ Centro de Memória do Esporte e da Educação Física de Juiz de Fora.

²⁷ Ítalo Paschoal Luiz.

²⁸ “Turnerschaft – Club Gymnastico Juiz de Fora”.

²⁹ Jakeline Duque de Moraes Lisboa.

nesse outro edital, se não me engano 2013, posso estar errado, mas acho que 2013, 2012, acho que 2013, era a tentativa de criação de um Centro de Memória e a gente ganhou o edital. Então o edital era para compra de alguns equipamentos, estantes, todo material de informática. Só que a gente esbarrou com uma questão que acho que afeta grande parte das pessoas, dos pesquisadores que querem ter seus centros de memória ou que querem produzir nesse campo, que é a questão do espaço. Então o que aconteceu? Eu tenho as atas, inclusive, de departamento, de conselho de unidade da faculdade onde é criado o Centro de Memória aqui de Juiz de Fora, mas a gente não conseguiu um espaço necessário para que esse Centro fosse abrigado, então eu não posso dizer que nós temos um Centro de Memória, porque o Centro de Memória ele funciona na minha sala, tem lá uns dois ou três arquivos com uma porção de coisa armazenada, mas a gente não conseguiu até hoje um espaço para criação efetiva deste Centro de Memória, enquanto ali um endereço, um espaço para que a gente possa ficar, pesquisar. Também por conta das dificuldades de espaço que a gente tem na nossa faculdade. Agora a gente está em via de finalização de um ginásio, de um novo ginásio poliesportivo e eu tenho lá a promessa da direção anterior, que está acabando o mandato agora, da criação de um espaço para nós, onde esse Centro de Memória seja efetivado. Vamos ver se isso acontece, estamos à espera.

C.M. – E você disse que tem algumas coisas guardadas, do que se trata? É o arquivo da escola ou é material que vocês coletaram em outro lugar?

C.C. – A gente tem de tudo, mas grande parte, a gente pode dizer oitenta por cento, são materiais relativos a história da instituição. Nós fizemos um evento aqui para comemorar os trinta anos do curso de Educação Física, em 2005, inclusive a Silvana veio como convidada e escrevemos um livro também com vários professores chamado, “Histórias e Memórias da Educação Física em Juiz de Fora”. Para preparação deste livro a gente reuniu as fontes que nós localizamos aqui na faculdade naquele chamado “arquivo morto” e também em alguns arquivos particulares de um material diverso, com documentos oficiais da instituição, atas de reunião, de criação do curso, por exemplo, fotografias, muitas fotos de turmas antigas, álbum de formatura, então é isso que a gente tem guardado lá, na minha sala, no nosso Centro de Memória que é a minha sala.

C.M. – E para além de material da escola, vocês têm mais o que?

C.C. – Então, a gente tem alguns arquivos em Juiz de Fora organizados, então, por exemplo, Colégio Granbery, o Instituto Metodista Granbery, ele tem um arquivo maravilhoso, organizado, que a pessoa pode ir lá consultar, com muitos materiais ricos sobre a história da Educação Física na cidade. Por exemplo, o jornal que eles publicavam Granberyense tem muitos artigos sobre a ginástica, o esporte no Granbery. E a gente tem arquivos particulares, na casa das pessoas, como eu dei o exemplo do professor Ítalo, que reunia lá na sua casa fitas de vídeos, cadernos, anotações, ele queria publicar alguns livros, mas não publicou... Ele publicou um livro na verdade, mas têm muitas anotações das aulas dele, dos métodos que ele utilizava, esses equipamentos que eu te falei, halteres, traves, quadros, enfim, isso está espalhado, isso está na mão das pessoas que ainda resistem ao tempo.

C.M. – E qual a situação que estava esse material antes de ir para a sua sala, para o Centro?

C.C. – Então, alguns materiais muito complicados que a gente teve que descartar, porque não havia jeito. Processo de traça, muita coisa que não dava para a gente ter a leitura, e a gente reuniu o que estava no estado de médio para bom. Então a gente não fez nenhum processo de tratamento deste material, porque não foi possível, a gente não tinha recurso para isso. Então a gente tem os materiais deste nível aí, médio para bom. Mas com certeza, uma das iniciativas iniciais, se gente vier a efetivar o Centro de Memória é investir no projeto de tratamento destes materiais.

C.M. – Vocês conseguiram organizar de alguma forma isso, você disse que conseguiu estantes e alguns equipamentos, conseguiu dar alguma organização para este material?

C.C. – Não, na verdade eles são separados por categorias gerais, então fotos, documentos, álbuns de formatura. A gente foi categorizando assim, uma arrumação, uma catalogação mais geral para depois a gente partir, quando a gente tiver esse espaço porque não há espaço para colocarmos este material, a gente faz uma catalogação mais definida, mais organizada.

C.M. – Você chegou a fazer algum projeto de extensão ou pesquisa com esses materiais?

C.C. – De pesquisa, sim, de extensão, não. Mas de pesquisa vários desses materiais foram utilizados pelos meus orientandos para as suas dissertações e trabalhos de iniciação científica. Esse livro que eu falei “Histórias da Educação Física e do Esporte”, vários capítulos utilizaram algumas fontes que estão com a gente hoje reunidas lá.

C.M. – Esses projetos de pesquisa foi só do pessoal da pós ou teve iniciação científica também?

C.C. – Também iniciação científica. Especialmente desta pesquisa que a gente participou que foi a pesquisa inicial sobre a história da Educação Física e da ginástica nos grupos escolares de Juiz de Fora.

C.M. – E sobre a criação, o registro nas atas, a universidade, a Faculdade de Educação Física apoiou o departamento, apoiou a criação do centro ou teve alguma discussão?

C.C. – Sim, apoiou tudo, não houve nenhuma manifestação contrária, qualquer tipo de questionamento, as pessoas valorizam a história, até por uma perspectiva tradicional mesmo de valorizar o passado, uma perspectiva muito ligada a esta questão, mas não houve nenhum questionamento, foi aprovado no departamento, aprovado no conselho de unidade. A questão mesmo é de uma possibilidade material de a gente ter um espaço para poder funcionar e isso não acontece só com o Centro de Memória, futuro Centro de Memória da Educação Física, outros professores tem outros projetos de outras áreas que a questão do espaço complica todo mundo.

C.M. – Para fazer esse projeto e começar essas ações, você acompanhou algum Centro de Memória? De Minas Gerais ou do Rio Grande do Sul?

C.C. – Acompanhei, não de perto, mas acompanhei, como te falei o CEMEF, que eu visitei algumas vezes, tenho inclusive os projetos que foram feitos inicialmente para o CEMEF, para construção inclusive daquele espaço maravilhoso que eles têm hoje lá na UFMG. Acompanhei também o Centro do Rio Grande do Sul, da UFRGS, coordenado pela Silvana

e também a gente teve uma relação muito boa aqui que eu esqueci de falar, neste início de 2002 e 2003, com o arquivo histórico da universidade. A universidade tem um arquivo histórico, na época ele era dirigido pelo professor Galba Di Mambro³⁰, nós tivemos uma relação muito bacana. Então lá eu cheguei a fazer alguns cursinhos pequenos de restauração de materiais, de catalogação, então isso foi muito importante para esse início de pensar como se organizaria esse centro de memória, nosso centro de memória. Quer dizer, a coisa estava andando muito bem até aonde a gente chegou e esbarrou com a questão do espaço que não foi possível colocar tudo isso que a gente acumulou em atividade.

C.M. – Essa relação com o pessoal do arquivo, vocês tiveram também com algum museólogo ou alguém da biblioteca? Da ciências da informação?

C.C. – Então, o arquivo ele era formando, e ainda é, principalmente pelos historiadores, pessoal da biblioteconomia, existem funcionários específicos para trabalharem com essas áreas. Então foi uma relação muito bacana de conhecer e se aproximar de tecnologias que eu não tinha me aproximado ainda. Muito mais estudava a história do ponto de vista mais teórico, mas nessa relação com a biblioteconomia com os processos de arquivamento, essa relação foi muito bacana com o arquivo histórico aqui da universidade.

C.M. – Vocês chegaram a fazer alguma ação para divulgação do centro?

C.C. – A gente tem um site, que na verdade é um site do grupo de pesquisa, do GEPHEFE, e a ideia desse site era justamente que ele fosse transformado no site do centro de memórias, mas como eu te falei, o Centro de Memória ele existe no papel, mas ele não existe enquanto um espaço, um organismo efetivamente em funcionamento, justamente por essa restrição que a gente teve de funcionamento do espaço, então eu preferi continuar com os trabalhos, com o site por exemplo, fazendo referência ao grupo de estudos, ao GEPHEFE, e não ao Centro de Memória, porque efetivamente o Centro de Memória ele não existe na sua atividade cotidiana.

³⁰ Galba Ribeiro Di Mambro.

C.M. – Professor, então, era isso. Tem mais alguma coisa que você deseja registrar ou algumas palavras finais?

C.C. – Bom registrar eu acho que não, depois que eu for ler o “resumão” que vocês vão fazer, eu talvez me lembre de mais alguma coisa ou outra. Quero só dizer, ressaltar, a importância de iniciativas como a de que vocês estão tendo de registrar, captar os depoimento de pesquisadores, de pessoas do Brasil inteiro, que investiram e ainda hoje investem na produção do conhecimento da história da Educação Física e do esporte, e das práticas corporais em geral, porque isso vai... além de preservar esta memória, vai facilitar muito o trabalho de quem vier ai pela frente, se é que virá mais alguém, porque vivemos tempos difíceis.

C.M. – Professor, era isso então, muito obrigada!

[FINAL DA ENTREVISTA]